

dialoga com a imaxe que essa mesma cultura tem de si mesma, através das pessoas que se veem representadas, nesse exercício estranho que é ver-se a si mesmo como algo que não se é, mas que a partir do momento que se vê no ecrã se passa a sentir “um pouco assim”. Na Galiza temos um exemplo estupendo para ilustrar esse processo: os anúncios da cadeia de supermercados Gadis. Quantas e quantos de nós não nos temos já afirmado como galegos e convencido de que somos assim, vendo esses spots de “Vivamos como galegos!”, quando, na verdade, os tais são uma data de estereótipos e, inclusive, invenções? O simples facto de que aqui, na Galiza, existam anúncios que reivindiquem o direito de viver como somos dá muito que pensar. No mínimo, dá para desconfiar do facto de que, efetivamente, não nos sentimos de todo confortáveis, em viver como somos, em comer o que comemos e, sobretudo, ao falar no nosso idioma. Parece que é necessário reivindicar o simples direito livre a ser o que se “é” (seja isso o que for). O problema é que “o que se é”, nesses anúncios, redonda em quantidade de estereótipos, pois a mensagem final acaba por ser contraditória: o direito a viver o que se “é”; mas o que se “é” continua a ser um reflexo costumbrista recheado de invenções.

Nesse diálogo entre a representação e os representados constroem-se realidades, já que as pessoas que se veem retratadas, pensam-se a si mesmas e a sua cultura, a partir dessa representação, e do mesmo modo, as alheias a essa cultura representada “aprendem” a pensar o “outro”, a partir dessa representação. Este exercício documental não é só testemunha (pois caso o faça, também pode ser que não testemunhe nada), mas também constrói representações, imagens e emoções, produz práticas e induz saberes sobre os povos ficando estes introduzidos na imagem que o espetador ou espetadora tem dessa cultura. No caso concreto do NO-DO, na sua representação da Galiza, o poder constrói, define, representa e pinta um quadro costumbrista sobre “nós”. Isto é, produz. Produz “saber” (embora seja falso e maniqueísta) como parte do seu exercício. E esse “saber” estereotipado e costumbrista é posto em circulação e convence. Quantas vezes terei escutado pessoas, após a visualização do retrato que faz o NO-DO da Galiza, dizer: “sim, sim, somos assim”. Contudo, “a Galiza é verde, mas não é um jardim”, diria Miguel Anxo Murado, no seu *Outra idea de Galicia*. Também há locais que são secos e amarelos ou urbanos e industriais. Se a Galiza se constrói somente como “verde”, realiza uma redução de si mesma. Porquê? Para quê?

Esse exercício executou-se, especificamente, através de documentários, não de noticiários. Um noticiário informa, embora não informe de nada, sendo, contudo, essa a sua pretensão inicial e o que nos quer fazer pensar, embora seja propaganda. Um documentário documenta, é um depoimento de alguma coisa. São exercícios diferentes. No primeiro há propaganda, e no segundo há uma representação. No documentário, só pelo simples facto de ser, é pressuposta uma veracidade, uma honestidade, um retrato resumido de algo que, sim, ocorre. No entanto, isto não tem que ser necessariamente assim. A honestidade

**Tirado de Um país a la gallega: Galiza no NO-DO franquista. Santiago de Compostela: Através, 2021, p. 103-106.**

Foram muitos os documentários do NO-DO que, nos anos cinquenta, descreveram cinematograficamente diversos lugares da geografia espanhola e cada um merece a sua própria análise específica mas, mais importante que fazer um percurso por cada um deles, o que é verdadeiramente interessante, na análise crítica do NO-DO, do meu ponto de vista, é ver como esses discursos audiovisuais construíram representações culturais que dialogaram com a cultura e com as pessoas, até ser inseridos na realidade. Um documentário é um discurso audiovisual que se constrói; não é a realidade em si, mas um reflexo filtrado, preconceituoso e escolhido da verdade. Um texto escrito no qual, mais que a realidade, se pode ler o exercício da representação como um exercício de poder. A câmara tem a capacidade de escolher o que retrata e representa. Essa escolha emite uma representação que

## A GALIZA “SUBALTERNA”

**BEATRIZ BUSTO MIRAMONTES**

não é algo intrínseco ao documentário, pelo facto de ser, porque nele também se pode mentir,. E se se não mentir, pode-se escolher, seleccionar, torcer, induzir, manipular. Os documentários do NO-DO não mostram uma Galiza filmada em Madrid, pois isso seria absurdo. O que fazem os documentários do NO-DO é gravar sobre o terreno. O franquismo, através dos documentários do NO-DO, produzia o “saber”, sobre a Galiza, através da gravação de imagens, no próprio território. Esse era o aparelho de verificação do NO-DO. Sem dúvida que a câmara estava ali, com eles e elas, com as pessoas: no campo, nas casas, nos barcos, nas tabernas, nas práticas quotidianas. Por isso convence, porque, efetivamente, as câmaras do NO-DO certamente estiveram ali. Como é que o mostrado não vai ser a Galiza, já que está gravado na mesma Galiza e entre a sua própria gente? Também se supunha como verdadeiro que, no dia da inauguração da Ponte do Pedrido, em Betanços, iriam centenas de pessoas honrar o Caudillo, acorrendo de todas as partes, e já vimos que aquilo, conquanto inegável, tinha que se pôr em questão, porque ir, foram, mas obrigadas. O que se vê nos documentários do NO-DO é a Galiza, mas a tecnologia não opera a partir da honestidade etnográfica. É feito a partir da manipulação das imagens que se tinham recolhido no campo. Nesse exercício, era o mesmo organismo, o NO-DO, através dos locutores e locutoras, que punha voz aos e às protagonistas que apareciam no plano, utilizando, inclusive, o galego como idioma e imitando o seu sotaque. No entanto, perante a câmara do NO-DO nunca ninguém falou. Os locutores e locutoras que trabalharam na montagem – portanto, em Madrid – não só punham a sua voz àqueles que não a tinham (ou melhor dito, que não era gravada) como, além disso, inventavam diálogos, atribuindo àquelas pessoas a expressão da sua quotidianidade. Mostravam as pessoas, no plano, mas estas não tinham voz, não exatamente porque não a tivessem, mas porque um dos exercícios de poder e de dominação mais claros e mais evidentes, passava pelo facto de a sua voz ser ignorada, ao não ser gravada, mas, também, sequestrada por um roteirista, que, depois, juntamente com um locutor punham a sua voz naqueles e naquelas que não tinham direito a enunciá-las por si mesmos, inventando frases que estes e estas nunca tinham dito. Gayatri Chakravorty Spivak, autora de destaque nos debates pós-coloniais, tem um ensaio breve, mas brilhante, intitulado *Pueden hablar los subalternos?*. A resposta é não. Falar pelos subalternos é o que faz, precisamente, a locução do NO-DO. A subalternidade nem sempre pode falar, conclusão à que chega a própria Spivak. Além de não falar, às vezes, inclusive, a sua voz é sequestrada, a fim de se inventar com a mesma tudo e mais alguma coisa, de forma perversa, atribuindo-lhe diálogos que só alimentam, ainda mais, essa subalternidade.

A representação da Galiza, neste tipo de documentários, era uma Galiza arcádica. Uma Galiza que se apresentava, perante as câmaras, como um lugar idílico e congelado no que observar a essência do povo, o puro do espírito e um passado mítico. A Galiza era retratada como um lugar onde a sua gente se podia olhar, a fim de descobrir um tempo anterior à temida modernidade, um povo humilde, laborioso, esforçado, singelo, patriarcal, pobre, mas agradecido, e profundamente rural, tudo isso abraçado por um mítico passado celta, que poderia ser surpreendente já que, por um lado, apoiava o argumento diferencial de raça, mas, por outro, ficava assimilado como um traço do passado, dentro de um destino universal de maior envergadura: a Espanha. O uso do celtismo explica-se, porque se entronca, por um lado, com a feminização da Galiza (Miguélez-Carballeira). E já se sabe que a feminização, quando colocada frente à masculinização, é uma ferramenta de dominação. Ambas as vinculações justificavam a dominação e o exercício da violência simbólica, pois quer fosse devido ao seu passado guerreiro ou ao seu vínculo com o feminino, a Galiza devia ser submetida, subalterna. Esse celtismo feminizado foi utilizado também pelo regionalismo e pelo nacionalismo para a reivindicação diferencial, mas redundante sobre a mesma ideia maternal da Galiza. Por outra parte, o uso do celtismo, pelo próprio NO-DO, parecia, também, uma espécie de argumento do passado mítico/guerreiro, através do qual se justificava o controlo violento do território: a ocupação. Neste sentido, o franquismo “presumia” do espírito guerreiro das raças basca ou celta, bem como de outras, e utilizava o argumento manejando uma contradição: a meio caminho entre o temor (e daí o controlo) e o orgulho (e daí a extração do rédito em que se afirmava que os povos de Espanha, antes de ser civilizados, eram rudes, guerreiros, valentes e masculinos).

A Galiza, que figura neste tipo de documentários, é uma Galiza atemporal, uma Galiza na qual o relógio do tempo se deteve, uma Galiza que parecia que poderia ter vivido de igual forma, tanto no século XVII como no XX, uma Galiza de postal, e, finalmente, uma estampa cultural, na qual se reduzia qualquer elemento cultural a uma mera curiosidade indígena folclorista daqueles que viviam na faixa ocidental da Europa, tão acertadamente batizada pelos romanos como o *Finis Terrae*, o final do espaço conhecido e cognoscível; a fronteira, onde para além não há nada. Essa era a Galiza: o final do espaço/tempo. Uma colónia perdida no noroeste, fronteira do mundo antigo.

## CINECLUBE DE COMPOSTELA



### ASOCIACIÓN

O Cineclub tenta ser unha asociación autoxestionada. Para iso, propoñemos unha aportación económica persoal de 5€/mes (3€ para estudantes e parados/as) [cineclubedecompostela.wordpress.com](http://cineclubedecompostela.wordpress.com) [facebook.com/cineclubedecompostela](https://facebook.com/cineclubedecompostela) @cineclubedecompostela@gmail.com

### PROXECCIONS

Todos os mércores ás 21:30 na Gentalha do Pichel (Santa Clara, 21. Santiago de Compostela) Entrada de balde | Bono-axuda: 1€

### 1 DE DECEMBRO

ALET IT BE  
(Michael Lindsay-Hogg, Reino Unido, 1970, 80', VOSG)

### 15 DE DECEMBRO

A LONGA DESPEDIDA  
(Долгие проводы, Kira Muratova, Rusia 1971, 95', VOSG)

### 22 DE DECEMBRO

A IMAXE DA GALIZA NO NO-DO  
Sesión programada e presentada por **Beatriz Busto Miramontes**